

**APORTES DA MISOGINIA NA TRADIÇÃO OCIDENTAL:  
DE ARISTÓTELES A SÃO TOMÁS DE AQUINO, DO PAGANISMO AO CRISTIANISMO, A  
SEMPRE DERROGADA FALÊNCIA DO FEMININO**

Pedro Carlos Louzada FONSECA  
Universidade Federal de Goiás  
[pfonseca@globocom](mailto:pfonseca@globocom)

**Resumo:** O trabalho objetiva examinar ideias fundamentais na formação da tradição misógina no pensamento filosófico e religioso da cultura europeia. A primeira dessas ideias vem dos seminais estudos anatômicos e fisiológicos de Aristóteles acerca do corpo feminino, da sua natureza, das suas funções e importância para a geração dos animais e da espécie humana. A força do apelo aristotélico *vis-à-vis* os postulados da escritura bíblica foram de influência especialmente determinante no método etimológico de conhecimento enciclopédico proposto por Santo Isidoro de Sevilha e em importantes pronunciamentos de edificação moral da doutrina religiosa que, a custo da derrogação da mulher, consubstanciaram os pilares da cristandade medieval, tais como, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. Dessa forma, a partir do levantamento das raízes clássicas da misoginia, situadas no pensamento da antiguidade clássica, a exemplo de Aristóteles e de seus seguidores, e através de uma abordagem comparativista da disseminação do seu legado no pensamento dos Padres da Igreja medieval, hipóteses e resultados críticos são aventados, no decorrer deste trabalho, a respeito da formação cultural do fenômeno misógino, das suas fundações ideológicas, historicamente condicionadas e correspondentes a determinações de ordem política presentes na formação e no desenvolvimento das formas de sociedade do ocidente europeu.

**Palavras-chave:** Misoginia medieval; fontes; patrística; legado.

Os postulados de Aristóteles (384-322 a. C.) acerca da geração dos animais, incluindo o gênero humano, foram de fundamental influência na formação da misoginia no pensamento medieval, principalmente a partir do século XII, quando o seu livro *De generatione animalium* [Sobre a geração dos animais] começou a ser estudado na Universidade de Paris (ALLEN, 1985).

Na verdade, apesar dessa influência clássica, as fontes da misoginia medieval podem ser mesmo localizadas anteriormente, quer na antiga lei hebraica ou no alvorecer da cultura grega. Em Hesíodo (*ca.* 750 a. C.), por exemplo, já aparecem certas imagens da mulher como responsável pela introdução do mal no mundo (ALLEN, 1985, p. 14-15).

É bastante conhecida a redução aristotélica da função da mulher na procriação à contribuição da matéria prima apenas, semente inativa e informe, à espera do princípio formador e animador encontrado no sêmen do homem. Isto porque, segundo o filósofo, devido à superioridade do calor no macho, o seu sêmen se refina melhor e tem a propriedade de possuir o princípio da Alma, enquanto que, na fêmea, a ausência desse refinamento resulta na produção impura do mênstruo.

Uma vez que, desde a tradição aristotélica, tal funcionamento do corpo feminino foi visto de forma assim tão negativa, a menstruação tornou-se uma preocupação constante não só da medicina, mas também da religião medieval.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Comentários desse teor são apresentados nas partes 726b, 727a, 727b, 728a, 729a, 737a, 738b e 775a do *De generatione animalium*, as quais correspondem, na tradução de A. L. Peck, *Aristotle: Generation of Animals*, utilizada neste trabalho, às páginas 91-93, 97, 101-103, 109, 173-175, 185 e 459-461.

Dentre outras superstições acerca do mêsruo, estava aquela de que, se um homem tivesse sexo com uma mulher em estado de menstruação, estaria arriscando contrair a lepra (JACQUART e THOMASSET, 1988).

Num livro do século XIII, intitulado *De secretis mulierum* [Sobre os segredos da mulher], bastante popular e espuriamente atribuído a Alberto Magno, encontram-se os mais bizarros comentários acerca da mulher em estado de menstruação: normalmente poderia ser venenosa, mas, especialmente numa mulher menstruando-se irregularmente ou numa velha, cujo sistema menstrual era considerado em estado de deterioração, os danosos fluidos, ao procurarem uma saída, poderiam ser transmitidos pelos olhos, tendo a capacidade de envenenar crianças pequenas (JACQUART e THOMASSET, 1988).

Devido a perniciosos atributos da natureza feminina como esse, foi-se formando a ideia de uma natural adversidade biológica da mulher relativamente ao homem. Andreas Capellanus (século XII) exemplifica isso ao dizer ter certa vez lido, num tratado de medicina, que a atividade sexual faz o homem envelhecer mais cedo, debilita o cérebro ou mesmo os olhos (ARISTOTLE, 1963, 726b; ROUSSELLE, 1988, p. 12-20; JACQUART e THOMASSET, 1988, p. 55-56). Em seu *De amore* (ca. 1185) [Sobre o amor], Capellanus comenta o descontrole danoso que a imoderação no trato com o sexo feminino pode causar ao homem.

São Jerônimo (ca. 342-420), um dos pilares da literatura patrística, em seu misógino *Adversus Jovinianum* (ca. 393) [Contra Joviniano], chega a dizer, entre outras coisas que subestimam a natureza e o comportamento femininos, que o amor dedicado a uma bela mulher não só enterra a razão, mas também se avizinha da loucura (1893, p. 416).

Na esteira dessas ideias fisiologistas, Galeno (131-201) confirma a teoria hierárquica dos sexos cunhada por Aristóteles. Ao comentar, em seu *De usu partium* (final do século II) [Sobre a utilidade das partes do corpo], sobre a diferença de temperatura entre o sexo feminino e o masculino, acredita que o pouco calor do corpo feminino seja a causa dos seus órgãos geradores terem ficado internalizados, numa posição, portanto, inversa à dos do corpo masculino. Entretanto, vê a debilidade da natureza feminina como uma necessidade natural complementar na geração.<sup>2</sup>

Além de Galeno, o fisiologismo de Aristóteles, cunhando os conceitos de *forma* (propriedade masculina) e *matéria* (propriedade feminina), deixou um influente legado no pensamento e no imaginário dos mais importantes religiosos da Idade Média. Apesar da variada gama de escritos medievais, que se baseiam nos postulados aristotélicos fundamentados nessas ideias de qualificação genérica, os de Santo Anselmo e de São Tomás de Aquino são exemplares no tratamento da questão. Santo Anselmo (1033-1109) é uma figura curiosa por ter simbolicamente relativizado o gênero de Cristo, comparando-o a uma verdadeira mãe (ALLEN, 1985).

Na sua obra principal, o *Monologium*, desafiando preconceitos canônicos, discute sobre o gênero do Sagrado, chegando ao raciocínio de que Deus e Cristo podem ser, indiferentemente, chamados de pai e filho, ou de mãe e filha, visto que ambos têm, igualmente, no seu mais supremo teor, *spiritus* (espírito), *veritas* (verdade) e *sapientia* (sabedoria), palavras do gênero masculino e feminino. Entretanto, após essa instigante elucubração, ao modo aristotélico, que o Supremo Espírito só pode ser mesmo masculino, o mesmo acontecendo com o seu Filho, ao Pai unido em Espírito, Santo Anselmo aborda a questão da precedência do pai na geração, sendo responsável pela forma e pelo movimento, enquanto que a mãe fornece a matéria bruta.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Comentários desse teor são apresentados nas partes II. 299 e 301 do *De usu partium*, as quais correspondem, na tradução de Margaret Tallmudge, *Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body*, utilizada nesse trabalho, às páginas 630-632 (GALEN, 1968).

Os postulados aristotélicos, referentes à equivalência da mulher à matéria, tiveram uma significativa repercussão no escolasticismo de São Tomás de Aquino (1225-1274). O santo doutor teólogo da Igreja, tendo em mente o princípio aristotélico de que é o macho que dá a forma e a alma na geração da espécie, explica que Cristo, apesar de ter sido gerado em carne e osso, não contraiu o Pecado Original porque não teve pai humano (BORRESEN, 1981, p. 219-222; AQUINAS, 1963, 1975, III, Q. 34, art. 4).

Essas e outras questões relativas à mulher como ser deformado (ARISTOTLE, 1963, 737a) são abordadas na *Summa Theologiae* (1266-1272) [Suma teológica], de São Tomás de Aquino. Segundo esse julgamento, a mulher, por ser um ser deformado, não devia ter sido produzida na criação original das coisas, uma vez que nessa criação original tudo tinha sido criado de forma perfeita. Entretanto, a mulher participaria da indefectibilidade do plano geral da criação divina, apesar de condenada como responsável, por sua presunção, pela introdução do Pecado Original no mundo. Do posicionamento geral de São Tomás de Aquino, apoiado pesadamente em Santo Agostinho (354-430), fica claro o reforço da ideia misógina da inferioridade da mulher como um ser de capacidade menor que a do homem, devendo-lhe incontestável obediência por ter sido a partir dele formada. Pelo menos isso é o que expõe Santo Agostinho em seu *De Genesi ad litteram* (401-416) [Sobre o sentido literal do Gênesis] (AUGUSTINE, 1982, XI. 37).<sup>4</sup>

Os comentários, até agora feitos, a respeito de alguns postulados aristotélicos referentes à importância de aspectos da fisiologia dos aparelhos genitores, tanto nos animais quanto nos homens, apresentam a imagem do sexo feminino em geral, e da mulher em particular, numa posição de discriminada inferioridade em relação à do masculino. Tais comentários, ao longo do tempo, serviram de base para a formação da misoginia tradicional, cujas marcas mais profundas de ultraje apareceram durante a Idade Média, especialmente no pensamento religioso.

Na esteira dessas ideias acerca da derrogação do corpo e do sexo femininos, R. Howard Bloch tem razão em afirmar que “in the misogynistic thinking of the Middle Ages, there can, in fact, be no distinction between the theological and the gynaecological” (BLOCH, 1987, p. 20).<sup>5</sup>

E a ginecologia do feminino medieval naturalizava a mulher como uma realidade orientada principalmente para o corpóreo. Esse tipo de reducionismo medieval da mulher ao domínio da matéria e dos sentidos, principalmente na esfera do teológico, é concebido por Santo Ambrósio (ca. 339-397) na sua conhecida representação alegórica da Queda, em que ele coloca, em seu *De Paradiso* (ca. 375) [Sobre o Paraíso], a serpente como um tipo de prazeres do corpo, a mulher como representante dos nossos sentidos e o homem, das nossas mentes (AMBROSE, XV. 73, 1961, p. 351).

É nesse sentido de influência disseminadora do pensamento misógino medieval que, aparentemente inocente em termos de uma real afiliação misógina, surgem, no século VII, as *Etymologiae* (ca. 570-636) [Etimologias], de Santo Isidoro de Sevilha, um estudo enciclopedista dos mais completos, escrito durante a Idade Média.

As *Etymologiae* tornaram-se conhecidas com essa nomenclatura devido à maciça ênfase que o livro dá às derivações de palavras-chave que aparecem sob cada assunto encabeçado para tratamento. Devido à enorme valoração filosófica e teológica dada a palavra

<sup>3</sup> Comentários dessa natureza são apresentados em i. 55-56 (cap. 42) do *Monologium*, cuja tradução *Anselm of Canterbury*, utilizada neste trabalho, é de Jasper Hopkins e Herbert Richardson (ANSELM, 1974).

<sup>4</sup> Comentários dessa espécie são apresentados em xiii e em xxxiv da *Summa Theologiae*, nas traduções, utilizadas neste estudo, de Edmund Hill OP para xiii e de R. J. Benton para xxxiv, cujos trechos dos originais correspondem, respectivamente, às páginas 35-39 e 149.

<sup>5</sup> “No pensamento misógino da Idade Média, não pode haver, de fato, nenhuma distinção entre o teológico e o ginecológico” (Tradução minha).

(*verba*) como portadora, na sua raiz ou no seu étimo, do sentido da substância e da realidade da coisa (*res*), a enciclopédia de Santo Isidoro de Sevilha alcançou enorme influência e popularidade em toda a Europa medieval, sendo, inclusive, citada muitos séculos depois.

A questão medieval do conhecimento e da identificação do sentido da realidade das coisas criadas por Deus, a partir da palavra designada para nomeá-las, tem procedência na própria *Bíblia*, no episódio em que o Criador delega a Adão a função de nomeação dos animais. Atesta esse procedimento epistemológico de conhecimento da coisa a partir do seu nome, a significativa presença do método etimológico de Santo Isidoro de Sevilha no bestário, uma das mais importantes produções literárias da Idade Média.

Para o caso da verificação da misoginia de Aristóteles na *De generatione animalium*, cuja influência trasladou-se da fisiologia para o domínio da linguagem nas *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha, um exemplo característico desse procedimento interdisciplinar aparece no chamado *Bestiário de Cambridge*, que se encontra atualmente na biblioteca da Universidade de Cambridge (Inglaterra), listado como MS. II. 4. 26. O seguinte trecho desse bestário, tendenciosamente misógino, compara, utilizando-se do método etimológico, a natureza e as qualidades do homem com as da mulher, transcrevendo e ampliando com prédicas moralizantes, o seguimento das *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha, que trata do mesmo assunto:

A man is called Vir because there is more worth (*virtus*) in him than there is in women. Hence also he gets the name of courage, or else because he governs his women by force (*vi*). Mulier the Woman is derived from ‘weakness’, since ‘*mollior*’ (weaker), with a letter taken away or changed, becomes ‘mulier’. They are differentiated from man both in courage and in imbecility of body. Man has the greater capacity, woman the lesser, on purpose that she should give in to him: i. e., lest, with women being difficult about it, lust should compel men to look elsewhere and to go awhoring after another sex. She is called ‘mulier’ from her feminility and not because of her weakness in having he chastity corrupted, for the language of Holy Writ is: “And Eve was suddenly made out of the side of her man”. Not by contact with man is she called ‘mulier’. The scriptures say: “And he (God) formed her into a woman” (1984, p. 222).<sup>6</sup>

Muitas das passagens das *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha, ressoando as ideias de Aristóteles e de outros pensadores da Idade Média, indicam claramente uma ampliação figurada e ideológica dos seus postulados fisiologistas para o terreno moral, com características edificantes em termos patriarcais, respaldados pela doutrina religiosa acerca da representação do gênero. Isso se verifica exemplarmente no caso do bestário acima citado que – caracterizando-se como uma obra ideologicamente comprometida com a edificação moral e com a salvação do homem, simbolicamente auxiliadas pelo enaltecimento exemplar das virtudes dos animais e pela condenação dos seus vícios – trata da questão do gênero, apontando excelências no homem em detrimento das qualidades da mulher.

Graciano, em seu *Decretum* (século XII) [Decreto], por exemplo, sintonizando os pronunciamentos de Santo Isidoro de Sevilha e do bestiarista acerca da superioridade do

<sup>6</sup> “Um homem é chamado Vir porque existe mais valor (*virtus*) nele do que na mulher. Daí também ele obtém o nome coragem ou, ainda mais, porque ele governa suas mulheres por força (*vi*). Mulier, a Mulher, é derivada de ‘fraqueza’, uma vez que ‘*mollior*’ (mais fraco), com uma letra suprimida ou mudada, torna-se ‘mulier’. Elas são diferenciadas do homem tanto em coragem quanto em imbecilidade do corpo. O homem tem maior capacidade, mulher, menor, com a finalidade de que ela deve se submeter a ele: i. e., a fim de que, com as mulheres sendo difíceis nisso, a luxúria não deva compelir os homens a procurar em outro lugar e se prostituir com outro sexo. Ela é chamada ‘mulier’ devido à sua feminilidade e não por causa da sua fraqueza em ter a sua castidade corrompida, porque a palavra do Espírito Santo é: ‘E Eva foi subitamente feita da parte do lado do seu homem’. Não pelo contato com o homem ela é chamada ‘mulier’. As Escrituras dizem: ‘E ele (Deus) a formou em uma mulher’” ( Tradução minha).

homem, mantém que a palavra homem (*vir*) não deriva apenas de força (*vi*), mas de uma força especial, a da mente (*virtus animi*). Quanto à mulher (*mulier*), comenta que a palavra veio de amolecimento da mente (*mollites mentis*) (FRIEDBERG, 1955, i., col. 1145).

O fato de Santo Isidoro de Sevilha aventar a hipótese de que *femina* (mulher) podia ser suposto por alguns como proveniente da palavra grega *fôs*, para significar força que queima, por causa da maior intensidade do desejo sexual encontrada no sexo feminino, levou os defensores da mulher a preferir ligar o significado etimológico da palavra *mulier* a *mollities* (i. e., apenas mais fraca, amolecida). Por outro lado, ainda considerava-se que *femina* era assim chamada porque a fêmea, não só entre os animais, mas também entre os humanos, era tida como mais libidinosa. Daí a palavra efeminado (*femineus*) ser, entre os antigos, aplicada àqueles que manifestavam um excesso de amor.

Essa noção encontrou larga difusão na Idade Média, a ponto de Andreas Capellanus aconselhar os seus protegidos a reprimir o prazer físico (*voluptatem*), procedendo como homens verdadeiros (*viriliter*) (1982, III. 50).

Especialmente derogatório da fisiologia feminina é o que Santo Isidoro diz sobre o mênstruo, que o seu poder de deterioração das coisas é tão grande que é capaz de impedir a germinação dos frutos, azedar a uva, matar as plantas, corroer o metal com ferrugem, fazer os cães contraírem a raiva. Apesar de ter sido originalmente abordado por Plínio (23-79), em sua *Naturalis Historia* [História natural], foi, a partir de Santo Isidoro de Sevilha que essa verdadeira litania da desgraça do sangue menstrual entrou no imaginário das superstições medievais, adquirindo recrudescida virulência no final da Idade Média, quando a mulher passa a ser objeto de um obsessivo processo de demonologização.

Tipos de comentários como os anteriores servem para identificar, na obra de Santo Isidoro de Sevilha e em outras de semelhante teor, a influência da tradicional visão de inferioridade constitutiva da natureza feminina que, elaborada pela fisiologia de Aristóteles, encontrou respaldo e transmissão, de forma ideologicamente simpática, em importantes pensadores tanto da Igreja quanto da sociedade laica medieval, difíceis de serem insuspeitados como misóginos. Nesse caso, Santo Isidoro de Sevilha, sendo um deles, traduz para o domínio do conhecimento da língua o que Aristóteles havia feito no domínio da fisiologia e da ciência.

Esta sucinta coletânea de considerações, de feito comparado, examinou a influência disseminadora da fisiologia de Aristóteles em alguns dos seguidores seus, os quais se tornaram pilares fundamentais da tradição misógina medieval, não só no campo da filosofia religiosa (Santo Anselmo e São Tomás de Aquino), mas também no interessante domínio do conhecimento etimológico, tal qual expresso, de forma ímpar, nas *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha. Assim, o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha, ambos sintonizados em postulados que definiram a misoginia tradicional, são duas das muitas ideias fundadoras dessa tendência e atitude discriminadoras da mulher no pensamento e na cultura do homem ocidental.

## Referências

- AUGUSTINE, St. The Literal Meaning of Genesis. In: Ancient Christian Writers. New York and Ramsey, NJ: Newman Press, 1982.
- ALLEN, P. The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution. 1250. Montreal: Eden Press, 1985.
- AMBROSE. St. Hexameron, Paradise, and Cain and Abel. New York: Fathers of The Church, 1961.

- ANDREAS CAPELLANUS. *Andreas Capellanus On Love*. London: Duckworth, 1982.
- ANSELM, St. *Monologium*. In: *Anselm of Canterbury*. London: SCM Press; Toronto: Edwin Mellen Press, 1974.
- AQUINAS, St Thomas. *Summa Theologiae*. London: Blackfriars; New York: MacGraw-Hill, 1963, 1975.
- ARISTOTLE. *Aristotle: Generation of Animals*. Cambridge: Mass; Harvard University Press, 1963.
- BLOCH, R. H. *Medieval Misogyny*. *Representations*, no. 20, 1987, p. 1-24.
- BOOK OF BEASTS, *The: Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century*. New York: Dover Publications, 1984.
- BORRESEN, K. *Subordination and Equivalence: The Nature and Role of Women in Augustine and Thomas Aquinas*. Washington, DC: Catholic University Press of America, 1981.
- FRIEDBERG, A. *Corpus Iuri Canonici*, pt. 1, *Decretum Magistri Gratiani*. Genève: E. Friedberg, 1955.
- GALEN. *Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968.
- ISIDORE OF SEVILLE, *St. Isidori Hispalensis Episcopi, Etymologiarum sive Originum libri xx*. Oxford: Clarendon Press, vol. 2, 1962.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologías*. Madrid: BAC, 1982-1983.
- JACQUART, D. and THOMASSET, C. *Sexuality and Medicine in the Middle Ages*. Cambridge: Polity Press, 1988.
- JEROME, St. *Against Jovinian*. In: *The Principal Works of St Jerome*. Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers. Oxford: James Parker and New York: Christian Literature Co., 1893.
- ROUSSELLE, A. *Porneia: On Desire and the Body in Antiquity*. Oxford: Blackwell, 1988.